

RESENHA/REVIEW

Luiz Carlos CAGLIARI*

BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.). *Contemporary phonology in Brazil*. Prefácio de Leda Bisol e Cláudia Regina Brescancini. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008. 333 p.

Apreciação geral sobre o livro

O livro, organizado por Leda Bisol e Cláudia Regina Brescancini, foi publicado pela prestigiosa editora Cambridge Scholars Publishing, Newcastle, UK, em 2008 [ISBN (10) 1-84718-540-1, ISBN (13) 9781847185402]. O livro contém 333 páginas e está dividido em 5 partes (“*Prosodic Phonology*”; “*Historical Change*”; “*Segmental Phonology*”; “*Acquisition*”; “*Indigenous Languages*”). Ao todo a obra apresenta 15 capítulos. Por ser um livro publicado em inglês, seu alcance de divulgação é muito grande, sendo um incentivo para que outras obras sejam publicadas nessa língua.

O livro traz estudos que foram apresentados em um *workshop*, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em abril de 2007. Os autores são todos brasileiros, exceto um coautor, o qual tem trabalhado sistematicamente no Brasil. É do conhecimento geral que temos muitas dificuldades para divulgar nossos trabalhos de Linguística além das nossas fronteiras. Uma saída é publicar em inglês. Por isso, uma obra como *Contemporary Phonology in Brazil* representa uma grande contribuição para a divulgação dos nossos trabalhos na área da fonologia. O livro traz um conjunto de autores de primeira linha, não só pela aplicação de métodos, como pelas inovações teóricas e pelos resultados obtidos em suas análises, colocando a Língua Portuguesa e línguas indígenas brasileiras dentro de modelos descritivos mais avançados hoje. Se o trabalho de produzir ciência linguística em artigos publicáveis é difícil, o de reuni-los em uma obra em uma língua estrangeira não é menos árduo. Devemos agradecer o grande esforço e empenho das organizadoras da obra e parabenizar pelos resultados obtidos.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Linguística – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – cagliari@fclar.unesp.br.

Comentários sobre os capítulos

O prefácio (p.xvii - xix), escrito pelas organizadoras da coletânea (Leda Bisol e Cláudia Regina Brescancini), fala da origem dos estudos que geraram os capítulos (*workshop*), da divisão em partes, comentando sucintamente cada uma delas. Informações gerais aparecem também na contracapa do livro. As autoras lembram a importância dos trabalhos de Joaquim Mattoso Câmara para os estudos fonêmicos do português brasileiro e citam, em particular, sua tese de doutorado.¹

Capítulo Um: *Acomodação dos padrões entoacionais em enunciados curtos do português brasileiro: compressão ou truncamento?* (por João Antônio de Moraes e Manuela Colamarco, p.2-21).

No capítulo um, é investigado o que se chama de fenômenos de compressão, de truncamento e de substituição com relação à entoação do dialeto padrão do Rio de Janeiro. Os autores acrescentam mais um parâmetro, que chamam de *transfonologização*. Investigam se expressões que representam uma mesma atitude (ironia, pedido, exclamação) ou estrutura sintática (perguntas Sim/Não), em enunciados maiores (paroxítonos trissilábicos) e menores (monossílabos), trazem o mesmo padrão entoacional ou se os enunciados menores sofrem modificações.

A pesquisa tem uma parte oriunda da análise acústica de enunciados e outra de teste de percepção. Nas conclusões, observam que os enunciados menores conservam as características prosódicas dos enunciados maiores. Na análise acústica, nota-se que algumas variações de F0 são mínimas, como em L% da Fig.1.6 B (p.7). É difícil reconhecer, nesse tipo de variação, um valor contrastivo para o sistema da língua. O texto traz percentuais para os testes de audição que mostram uma grande unanimidade de respostas, o que é surpreendente (p.14, 18 - 20) em se tratando de reconhecimento pela entoação de pedidos e perguntas.

Capítulo Dois: *O acento dos não verbos no português brasileiro em um plano métrico multidimensional* (por José S. de Magalhães, p.22-53).

O autor estuda, dentro do modelo métrico incorporado ao modelo da Teoria da Otimalidade, a atribuição fonológica dos acentos dos não verbos em palavras do

¹ A tese de Mattoso Câmara Jr. foi defendida em 1949. A data de 1953 refere-se à publicação de uma versão da tese de doutorado, defendida em 1949 (HEAD, 1964). A ideia de se analisar as vogais nasais como vogal mais nasal não é nova na história da Língua Portuguesa e remonta à primeira gramática de Fernão de Oliveira (1536).

português do Brasil. A regra *défault* é mantida: o acento cai na penúltima sílaba, se a última não for pesada. As proparoxítonas são excluídas por conta de como são atribuídas as cabeças dos pés (*headedness*) e pela restrição de Fidelidade; as sílabas extramétricas são excluídas naturalmente através da hierarquia das restrições. Estudando o acento principal dos não verbos, o autor considera que todos os pés são trocaicos, através de uma restrição *decendency* do tipo (x □). Os tableaux 2-20 (p. 49) e 2-21 (p.50), avaliando [mólecua/ > [mo.le.cú.la] e [folegó] > [fo.le.gó] analisam possibilidades geradas pela TO, mesmo sendo palavras não existentes na língua.

Capítulo Três: *Acento secundário, redução vocálica e implementação rítmica no português brasileiro* (por Maria Bernadete Marques Abaurre e Flaviane Romani Fernandes Svartman, p.54-81)².

Neste capítulo, o acento secundário do português do Brasil é tratado através da teoria métrica e de avaliações acústicas. A exemplo de outros autores, Aburre e Svartman mostram que o português brasileiro favorece a formação de estruturas rítmicas binárias quando da atribuição dos acentos secundários. Ao estabelecer esses padrões, vários fenômenos fonológicos, como sândi, degeminação, elisão, ditongação, apagamentos e reduções segmentais intervêm para que haja uma otimização prosódica do ritmo da língua.

Diferentemente de outros autores (veja capítulo dois), as autoras partem da aceitação de que os acentos primários não são dados por regras métricas, mas são informações essenciais que todas as palavras da língua trazem consigo (p.55). No caso dos acentos secundários, a informação é dada pós-lexicalmente. A atribuição dos acentos secundários mostra, segundo as autoras, um dos aspectos que mais diferencia o português brasileiro do europeu.³

Na análise acústica realizada, foi detectado um aumento no valor da frequência fundamental (F0) nas sílabas que portavam o acento secundário fonológico. Nesse sentido, haveria uma correlação entre fonética e fonologia.

Com o capítulo três, encerra-se a primeira parte do livro dedicada à fonologia prosódica (p.1-83) e começa a segunda parte, dedicada à mudança histórica (p.84-145).

² Há um erro nos nomes dos autores (p.54); são apenas dois: Maria Bernadete Marques Abaurre e Flaviane Romani Fernandes Svartman.

³ Na página 59, a indicação de tonicidade deveria estar na palavra *na* e não em *cafeteria*.

Capítulo Quatro: *Sândi: um estudo comparativo entre o português arcaico e o brasileiro* (por Gladis Massini-Cagliari, p.84-109).

A autora estuda a ocorrência de sândi externo (na fronteira vocabular) em dois momentos muito distantes da Língua Portuguesa: o arcaico e o atual (brasileiro). Para poder estudar o português arcaico, a autora vem desenvolvendo uma metodologia especial, através da qual é possível fazer algumas hipóteses razoáveis a respeito da pronúncia da língua naquela época através da análise da estrutura poética e musical das cantigas medievais. Com este e outros trabalhos, a autora já tem demonstrado muitos aspectos da fonologia do português arcaico (MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2005).

Os resultados mostram que no *corpus* do português arcaico estudado ocorrem 52.8% de elisões, 45.7 de hiatos e 1.5% de ditongação. Foram estudados os casos envolvendo sílabas tônicas e átonas e os processos de sândi. A autora compara os dados do português arcaico com os do português brasileiro atual e discute algumas questões com implicações para a TO como, por exemplo, o fato de a TO não ter um mecanismo de ressilabação, para tratar do sândi, como ele vem sendo normalmente descrito em trabalhos de base derivacional.

Capítulo Cinco: *Prosodização dos clíticos no português brasileiro: análise de documentos do século XIX* (por Elisa Batisti, p.110-122).

O trabalho apresentado no capítulo 5 estuda, a partir de documentos do século XIX escritos no Brasil, o modo como os clíticos se juntam a uma palavra com acento próprio, formando uma palavra fonológica. Tal fato ocorre tipicamente com os clíticos se juntando à palavra seguinte (ver p.110: *ioscompanheiros*).⁴ Os comentários da autora na página 115 mostram a dificuldade em se analisar os dados, quando se trata de descobrir a percepção fonológica em erros de escrita, principalmente quando se trata de hiper / hipossegmentações.

A questão não é somente difícil mas é polêmica: quando o escriba escreve *asinar-mos* ele interpreta o *-mos* como clítico (ênclise)? Na escrita *tam bem*, o escriba acha que são duas palavras ou apenas se lembra que existem uma palavra *tam* e outra *bem*? Por que aparece a escrita *eas pessoas* (p. 118) e não *easpeessoas*? Até onde a escrita é uma fonte de informação prosódica? Por outro lado, os escribas antigos juntavam palavras também por causa do mecanismo de escrita à mão (tipo de pena, tinta, papel, etc.), o que gerou as conhecidas letras cursivas, que

⁴ Na página 112, a autora cita Mattoso Câmara Junior (1984, p.36), que afirma que pessoas com pouca instrução escrevem palavras grudadas, mostrando a prosódia de palavras fonológicas. Contudo é preciso dizer que não são apenas os clíticos que costumam ocorrer aglutinados, mas muitos outros tipos de palavras. Por exemplo, a escrita das crianças em fase de alfabetização apresenta casos de hiper / hipossegmentação, que não podem ser interpretados apenas em função de uma observação prosódica de palavras fonológicas ou grupos de força ou de estruturas semelhantes.

eram escritas aglutinando letras, resultando, às vezes, em aglutinação de palavras também. Esse tipo de escrita tem pouco a ver com a pronúncia de quem escreve, com padrões prosódicos, sendo quase que estritamente um resultado mecânico do processo de escrita.

No estudo apresentado, a autora procura tomar todas as precauções para evitar interpretações indesejáveis, atitude absolutamente necessária nesse tipo de trabalho. Na página 113, a autora cita João de Moraes Madureira Feijó, usando uma edição de 1820. Seria melhor citar a primeira edição de 1740.⁵ Quando Madureira Feijó diz que palavra com hífen são *huma só na pronúncia* ele está se referindo à ideia semântica contida nas palavras compostas e, obviamente, não na pronúncia falada (*per si separadas*).

Capítulo Seis: *Demoção⁶ de Fidelidade na fonologia histórica do português: uma abordagem baseada em restrições* (por Dermeval da Hora e Rubens Marques de Lucena, p.123-143).

Neste capítulo, as alterações nas estruturas silábicas do português são estudadas do ponto de vista diacrônico e sincrônico. Os autores dizem que, do ponto de vista da consciência fonológica, a simplificação da estrutura silábica na passagem do latim para o português é ainda uma tendência forte (uma *conspiração*).⁷

Todavia, do ponto de vista fonético, não apenas o português europeu, mas também o brasileiro apresenta quedas de segmentos, truncamentos, que acabam gerando sílabas complexas foneticamente ([psina] *piscina*; [pɔtʃ] *pote*; [adʒkiri] *adquiri*, etc.). Essas duas forças opostas estão bem atuantes no português ainda hoje (CAGLIARI, 2007, p. 119).

Seguindo a análise proposta por Holt (1997, p. 118), os autores interpretam o aparecimento da lateral palatal, como fruto de uma assimilação do [l] como [k], resultando no cluster [kɫ], com a conseqüente queda do [k]. Trata-se de uma interpretação muito estranha, foneticamente improvável e historicamente sem evidência para o português (p.139: *auricula* > *orekɫa*; *clamare* > *kɫamar* > [ʃamar]:

⁵ Hoje, muitas das obras antigas sobre a Língua Portuguesa podem ser baixadas gratuitamente de alguns sites, como em <<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/31910.html>>, para a obra de Madureira Feijó.

⁶ O termo *demoção* é uma adaptação do inglês *demotion*, que significa o antônimo de *promotion* (promoção), ou seja, um rebaixamento na hierarquia.

⁷ Tradicionalmente (p.128-129), aceita-se que a escrita do latim era uma espécie de transcrição fonética e que uma palavra como *anno* era realizada foneticamente como [anno], etc. Tal concepção da escrita latina é muito problemática. Segundo Cagliari (1998), tal interpretação significa atribuir à ortografia do latim o caráter de uma transcrição fonética. Essa ideia é ainda mais absurda quando se pensa na organização política e social romana, uma sociedade altamente heterogênea em todos os sentidos. As evidências históricas da pronúncia das palavras que os pesquisadores tiram da escrita do latim, aceitas comumente, não passam de hipóteses, algumas mais aceitáveis e outras menos.

?).⁸ Os autores reconhecem a dificuldade trazida pela análise de Holt, mas mesmo assim a usam.

De acordo com a nota 3 do capítulo, os autores chamam a atenção para o que seria uma interpretação errada considerar os “r” do português como geminada. Todavia alguns fonólogos em trabalhos recentes têm dado essa interpretação para o chamado r-forte do português.⁹

Vem, em seguida, a terceira parte do livro, dedicada à fonologia segmental (p.146-212).

Capítulo Sete: *A metafonía nominal do português brasileiro à luz da teoria da otimalidade* (por Ana Ruth Moresco Miranda, p.146-163).

O capítulo 7 trata de um estudo sobre processos fonológicos vocálicos ligados ao fenômeno da metafonía, mostrando a variação das vogais médias posteriores (altas / baixas) de acordo com processos morfofonológicos de alternância (*osso/ ossos; porco/porca*) ou não (remoto, sonoro). Esse fenômeno já foi estudado por vários fonólogos, como mostra a autora no início do seu texto.

A autora caracteriza a descrição vocálica através da teoria de geometria de traços, usando a propriedade [ATR]. Depois passa para a análise dentro do modelo da TO, em que aparece uma restrição [ATR] atuando juntamente com IDENT, para produzir os *outputs* esperados. A hierarquia dessas duas restrições, divididas em sub-restrições, mostra o poder, às vezes, exagerado, da TO.

Capítulo Oito: *Alomorfa no sistema verbal do português brasileiro: um exercício na OT-CC* (por Luiz Carlos Schwindt, p. 164-176).

Este capítulo trata dos verbos da Língua Portuguesa, analisando os fenômenos de harmonia e de abaixamento vocálicos em verbos da segunda e da terceira conjugação através da TO. A interpretação com *candidate chains* (OT-CC) foi proposta por McCarthy (2007). Essa abordagem permite a avaliação local de candidatos (*inputs*) com formas intermediárias entre os tradicionais *inputs* e *outputs*. Trata-se de mais uma concessão ao modelo inicial da TO. É uma maneira sutil de introduzir algo semelhante à derivação (*chain*) e às regras opacas no modelo da TO.

⁸ Na verdade, Williams (1938), ou na edição de 1961, página 75, citada no capítulo, já apontava para uma possível presença da lateral palatal na passagem do latim para o português nos casos considerados. A análise de Holt (1997) claramente se baseia na interpretação de Williams.

⁹ O próprio Dermeval da Hora organizou um livro com um artigo de Maria Bernadete M. Abaure e Maria Filomena Spatti Sandalo intitulado “Os róticos revisitados” (HORA; COLLISCHONN, 2003), em que o r-forte é interpretado como uma geminada.

O estudo mostra os resultados de uma investigação estatística dos verbos estudados através do *Dicionário Eletrônico Houaiss* (p.172). Foram feitos também testes de reconhecimento com 35 falantes (p.173), usando-se também verbos inventados, não existentes na língua, mas com estrutura semelhante aos que existem. Os resultados obtidos mostraram uma certa instabilidade no fenômeno de harmonia vocálica no presente do indicativo e do subjuntivo.

Capítulo Nove: *Aspectos de variação na fonologia do português brasileiro: as laterais na coda* (por Gisela Collischonn, p. 177-192).

Como diz o título, o capítulo trata dos alofones ligados tradicionalmente a um arqui fonema /L/ que ocorre em posição de final de sílaba (coda). Os alofones mostram variantes do tipo: i) glaide posterior [u] (vocalização); ii) lateral alveolar simples; iii) lateral alveolar velarizada; iv) queda da consoante; v) ressilabação (conferir p. 180: *tal estado = ta les ta do*).

Não é raro autores atribuírem à fala dos dialetos do sul uma lateral alveolar velarizada. Mas, como já mostrei antes (CAGLIARI, 1999), a presença da lateral alveolar é mais típica dos gaúchos do que a lateral velarizada. Esta última é mais típica de alguns dialetos de imigrantes. Além disso, segundo minhas observações, as sequências UL costumam gerar um ditongo crescente [ɔu] e não decrescente [uɔ] (CAGLIARI, 1999). Analisando dados do Projeto Varsul, foi feita uma pesquisa para verificar as ocorrências dos alofones da lateral em posição de coda. Dos 327 casos investigados, somente em 132 houve a pronúncia de uma lateral alveolar na coda por falantes de Porto Alegre.

Capítulo Dez: *Sobre a natureza das vogais epentéticas* (por Thaís Cristófaros-Silva e Leonardo Almeida, p. 193-212).

O capítulo 10 traz um estudo da natureza fonética das vogais epentéticas do português brasileiro.¹⁰ Em uma análise acústica, uma vogal epentética deveria apresentar uma duração bem reduzida, quando comparada com a duração de uma vogal regular. Com essa estratégia, seria possível, segundo os autores, detectar as ocorrências das vogais epentéticas e contribuir, assim, para indicar onde ocorre contraste entre os dois tipos de vogais.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que toda discussão sobre vogais epentéticas precisa necessariamente levar em conta a constituição morfológica das palavras, caso contrário, cria-se o impasse apresentado pelos autores na página 194, segundo o qual não se sabe se uma vogal regular sofreu queda ou se houve a inserção de uma vogal epentética.

¹⁰ Em lugar das flechas da página 193, o correto é o [ə].

Um levantamento preliminar geral, baseado na estrutura ortográfica das palavras, mostrou 11.555 vogais regulares e 3.788 epentéticas. Foram consideradas todas as sequências de duas oclusivas com vogal ou não entre elas. Aqui, está em jogo o ponto de partida da análise: as formas básicas das palavras ou a ortografia. E se a língua escrevesse de outro modo as palavras, os resultados seriam diferentes na fala?

Nas análises acústicas¹¹, notam-se valores surpreendentes de duração muito baixos para as vogais epentéticas: média de 30 ms (p.205) ou 33.5 ms (p.207). As durações médias das vogais regulares também apresentam valores surpreendentemente breves: 49.0 ms (p. 207). É sempre preciso distinguir os casos em que há explosão da oclusiva dos casos em que, além disso, ocorre uma breve vogal epentética ou não. Durações próximas de 30 ms favorecem mais uma explosão da oclusiva do que a presença de uma vogal típica, mesmo muito breve.¹²

Na avaliação auditiva (p. 206), não me parece evidente o fato de os falantes saberem se se trata de uma vogal regular ou de uma vogal epentética. Apenas uma análise fonológica, num nível bem abstrato, dá conta da distinção entre ambos os casos¹³.

Com o capítulo onze, começa uma nova parte do livro dedicada à aquisição da linguagem oral.

Capítulo Onze: *Geometria otimalista na aquisição do português?* (por Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha, p. 214-236).

Este capítulo faz uma revisão das teorias de geometria de traços para mostrar como se pode tratar de modo adequado, na fonologia, os traços constitutivos dos segmentos. Em seguida, a autora comenta a dificuldade de se lidar com essas estruturas segmentais dentro da TO e se propõe a mostrar algumas soluções, começando pela abordagem de Uffmann (2003), que usa esquemas da geometria de traços para proceder às avaliações *input/output*. Esse modelo é aplicado pela autora para mostrar a evolução da aquisição fonológica em crianças.

¹¹ Na página 195, linha 17, em vez de *vowel* (vogal), o correto seria *consonant* (consoante), pois é do contexto consonantal que se trata.

¹² Quando não ocorre a fase de explosão da primeira oclusiva numa sequência de duas, a primeira oclusiva chama-se travada. A articulação permanece bloqueada na passagem da articulação de uma oclusiva para outra. Este é o caso mais claro de não presença de vogal epentética. Porém não ocorrem no português, a não ser muito raramente na fala ocasional de algumas pessoas.

¹³ Na página 199, há três parágrafos repetidos. Por esse motivo, as notas 6, 8, e 10 da página 210 também são repetidas.

Com um modelo de restrições que estabelecem relações mútuas dentro de um único processo de avaliação dos *outputs*, a autora mostra como se pode estabelecer um caminho típico para a aquisição de vogais e de consoantes. Apesar da complexidade da representação, por motivos da arquitetura da TO e da geometria de traços, o processo em si parece ser bem claro e simples, com uma explicação adequada.

Capítulo Doze: *Aquisição fonológica e teoria fonológica: formalizando padrões que consideram propriedades e segmentos* (por Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, p.237-251).

A autora se serve do modelo da TO para explicar alguns fatos da aquisição da linguagem oral. Como esse processo se faz por etapas, a hierarquia das restrições precisa mudar de uma etapa para outra para ir incorporando fatos novos. Obviamente, tal procedimento cria problemas para a arquitetura tradicional da TO.

Para resolver as dificuldades teóricas (p.244), a autora argumenta a favor de haver Escalas de Harmonia, seguindo uma proposta inicial de Kager (1999). Os segmentos são analisados pelas suas propriedades (da geometria de traços) e a avaliação dos *inputs/outputs* se dá através de restrições derivadas diretamente das propriedades fonéticas dos segmentos sob análise. Interrompe-se a hierarquia das restrições e colocam-se as sequências de segmentos adquiridos na aquisição em uma escala de harmonia de restrições, cujo objetivo é produzir um *output* com os todos os elementos já estabelecidos no sistema.

A Parte 5 (p.254-314) é a última e traz três capítulos sobre línguas indígenas brasileiras.

Capítulo Treze: *Línguas indígenas brasileiras: uma breve história e alguma esperança para o futuro* (por Yonne Leite e Bruna Franchetto, p.254-274).

O estudo apresentado no capítulo 13 traz muitas informações detalhadas sobre a história das línguas indígenas brasileiras, com um destaque para a situação atual. Na avaliação das autoras, baseando-se em critérios geralmente admitidos, todas as línguas indígenas brasileiras estão em risco maior ou menor de extinção. Embora haja fatores que possam reverter esse quadro, existe a real possibilidade de não existir mais nenhuma língua indígena brasileira daqui a cem anos. Somente nas últimas décadas, tem havido um esforço científico para registrar as línguas que sobreviveram, e têm aparecido estudos mais adequados sobre algumas delas. As autoras constatarem que o esforço não tem a dimensão necessária e que há muito que fazer, como a formação de um grande banco de

dados, o qual muito contribuiria para a preservação de dados dessas línguas. Essa é a esperança do futuro.

Embora este capítulo não trate de uma questão propriamente dita de fonológica, nada mais importante do que registrar e descrever uma língua antes que ela deixe de existir.

Capítulo Quatorze: *A hipótese de classe rítmica e as línguas indígenas* (por Luciana R. Storto e Didier Demolin, p. 275-288).

O capítulo se baseia nos trabalhos de Ramus, Nespor e Mehler (1999) e Ramus, Dupoux e Mehler (2003), que propõem uma metodologia linguisticamente discutível ou mesmo questionável para investigar o caso (surpreendente) de como um bebê percebe o ritmo da linguagem ao nascer (ou antes), apoiando-se em nenhum padrão linguístico, mas apenas na audição de sons vocálicos da línguas que ouve. Os autores (e seus mentores) assumem que os bebês ouvem a fala de modo diferente dos falantes adultos. Segundo eles, o espaço entre vogais cria uma duração que é percebida pelos bebês, a qual irá definir o ritmo da língua que eles vão falar. Por causa dessa metodologia, assumem que as línguas têm muitos tipos de ritmo distribuídos numa escala de variantes. Os três tipos mais tradicionais – acentual, silábico e moraico – seriam apenas alguns dos tipos dessa escala. Apesar de reconhecerem algumas dificuldades (p.278) quanto à metodologia e aos resultados obtidos, os autores consideram que somente a estrutura duracional de um algoritmo proposto, que mede espaços entre as vogais e/ou consoantes, pode ser um parâmetro confiável para se descrever o ritmo.

Para levar adiante uma proposta de análise acústica do ritmo e de comparação entre línguas, usam como material dados de uma língua indígena brasileira, o Karitiana, que, segundo eles, apresenta várias características semelhantes ao japonês¹⁴.

Capítulo Quinze: *O desenvolvimento de creaky voice em proto-mundurukú (tupi)* (por Gessiane Picanço, p. 288-314).

O último capítulo procura explicar a origem da oposição fonológica laringalizado (*creaky voice*), opondo-se a sonoro (modal) em uma língua tupi, o mundurukú, uma vez que essa oposição não é típica das línguas tupi. A origem apontada é a transformação de uma oclusiva glotal em uma articulação vocálica

¹⁴ Na figura 14-3, página 283, a projeção das 13 segmentações sobre o registro acústico não coincide com os fatos a que ela se refere no texto. A transcrição [a ũ] não parece adequada de acordo com os dados acústicos do espectrograma, sendo mais correta a presença de uma vogal do tipo [a ā] com valor vocálico fortemente centralizado.

com a qualidade de *creaky voice*, ou seja, uma oclusiva glotal gerou vogais laringalizadas nessa língua¹⁵. Partiu-se da ideia de encontrar a realização de *creaky voice* nas vizinhanças de uma oclusiva glotal ou em substituição a ela. Na página 292, a figura 15-1 mostra uma concentração de F0 na faixa de 70 a 90 Hz. Com essa frequência é difícil imaginar uma vogal pronunciada com *creaky voice*. O valor de F0 esperado para esses casos seria abaixo de 50 Hz. Apenas duas realizações atingem o nível inferior a 50 Hz no final da vogal. Segundo a autora, o *creaky voice* ocorre tipicamente no final da articulação de uma vogal. Nesse caso, é difícil imaginar um contraste fonológico.

Na página 295, a afirmação: *In intervocalic position the glottal consonant /Ɂ/ tends to be realized as a heavy type of creaky voice on surrounding vowels* (Em posição intervocálica a consoante glotal /Ɂ/ tende a ser realizada como um tipo pesado de *creaky voice* nos arredores vocálicos) é contraditória foneticamente, porque uma consoante oclusiva glotal /ʔ/ não pode gerar um segmento com *creaky voice*, somente um segmento sonoro, como aliás mostra a figura 15-3. Fisiologicamente, um *creaky voice* não é uma sucessão de vibrações modais de oclusivas glotais. O *creaky voice* é um segmento vozeado (*voice*) com F0 muito baixa. Na página 295, a figura 15-3 não traz nenhuma oclusiva glotal, mas apresenta momentos de realização de *creaky voice* (confira ainda p.301)¹⁶.

Apreciação gráfica e editorial da obra

O livro vem com capa dura (*hardcover*) e sobrecapa em papel. Na sobrecapa, na página de trás, há uma apresentação geral da obra e informações sobre os organizadores. O livro é apresentado em um formato bem cuidado, mostrando uma excelente organização interna. As letras, a diagramação, o papel etc. mostram um cuidado especial com a confecção do livro. A tradução dos trabalhos é de ótima qualidade¹⁷.

Infelizmente, um livro dessa qualidade mereceria uma melhor revisão, porque apresenta vários problemas que poderiam ser evitados. Há vários tipos de problemas, a começar pela lista das ilustrações (p.xii-xiii) e das tabelas (p.xiv-xvi): elas trazem apenas a indicação de páginas, sem trazer o conteúdo das ilustrações ou das tabelas. Nos textos, as tabelas e as figuras aparecem sem as respectivas legendas. No cabeçalho do capítulo 1, vem a indicação de capítulo 2 (*Chapter*

¹⁵ O tipo de fonação *creaky voice* é muito comum em todas as línguas como características da qualidade de voz individual. Como propriedade distintiva é muito rara.

¹⁶ Na página 297, a autora diz que Nimuendajú (1883-1945) teve contato com os índios Kuruaya em 1990. A data está obviamente errada.

¹⁷ No entanto há alguns erros, por exemplo, *from Portuguese* no lugar de *to Portuguese* (p.131), *without* no lugar de *with* (p.203), *buy* em vez de *by* (p.223).

Two). Certamente, em uma edição futura, esses problemas desaparecerão. Todavia gostaria de fazer uma observação sobre um aspecto que, na verdade, depende mais do modo como alguns autores produzem seus textos. Trata-se do uso, na minha opinião, indevido de símbolos do IPA ou de outra origem para indicar fatos fonéticos e fonológicos. Por exemplo, na página 7, é estranho que o dialeto carioca padrão tenha o som [r], quando se esperava um [x] ou [ɣ]. Para quem não conhece a língua ou a pronúncia estudada, a indicação incorreta dos símbolos nas transcrições pode dar uma informação errada ou produzir confusão. O uso da escrita ortográfica (confira p. 39, aparece /ca.sa.co/ e p. 49, [mo.le.cú.la], etc.) para indicar pronúncia ou substituindo símbolos nas transcrições fonológicas ou fonéticas é inconveniente, porque esconde como a fala é pronunciada e deixa opaca a interpretação dos fatos analisados. No alfabeto do IPA, o símbolo [ɾ] refere-se a um *flap* retroflexo e não a um *tap* (p. 178). Estudos que seguem Pike (1947) costumam usar *flap* por *tap*, mas trata-se de processos articulatórios diferentes (PULLUM; LADUSAW, 1986, p. 134). Obviamente, um *tap* retroflexo é impossível de se articular. No capítulo 15, o símbolo /□/ é usado de modo ambíguo (oclusiva glotal e laringalização).

Questões metodológicas

Análises acústicas: O capítulo 1 mostra uma metodologia que se generalizou nos últimos anos, porém, sem conseguir descrever linguisticamente o fenômeno da entoação como um fenômeno fonológico. Foram feitas muitas análises acústicas detalhadas, mas sua ligação com os sistemas das línguas é muito incerta e estranha, às vezes. Ainda estamos aguardando o surgimento de uma metodologia que consiga conciliar os fatos fonéticos com os sistemas fonológicos das línguas. No capítulo 2, a contribuição para os estudos do acento no português brasileiro é importante pela metodologia que usa, unindo uma análise métrica com uma análise pela TO. Gostaria de destacar, no capítulo 3, apenas um aspecto metodológico do trabalho: será que toda subida da curva melódica (atribuição de um tom adicional alto H) representa a marcação de um acento secundário, e toda sílaba tônica se caracteriza por ter uma estrutura L*+H (p. 65)? Embora seja uma metodologia em uso atualmente, os resultados que tem produzido, mesmo com muito cálculo estatístico, não costumam refletir a intuição que os falantes têm da língua.

Ao lado de pesquisas acústicas, têm aparecido várias pesquisas baseadas em testes perceptivos, também associadas a análises estatísticas. Por exemplo, o capítulo 9 traz um estudo atualizado da situação da lateral em posição de coda no português brasileiro de hoje, mostrando diferenças com pesquisas anteriores feitas quando a situação da lateral era levemente diferente. Testes de percepção

exigem um comportamento científico muito especial, para que os falantes não inventem dados simplesmente pelo fato de estarem fazendo um teste, situação de enunciação que exige uma resposta. Por outro lado, é uma ferramenta importante para estudar a fala do ponto de vista dos falantes.

No capítulo 10, o ponto de partida da análise (acústica) são dados tirados e interpretados a partir da forma ortográfica das palavras, para saber onde ocorrem vogais epentéticas. Como já foi comentado antes, tal tipo de abordagem é sempre muito problemática. Neste caso, por exemplo, está em jogo o ponto de partida da análise: as formas básicas das palavras ou a ortografia? E se a língua escrevesse de outro modo as palavras, os resultados seriam diferentes na fala?

A metodologia de Ramus, Nespore e Mehler (1999) e Ramus, Dupoux e Mehler (2003), mesmo com as inovações dos autores do capítulo 14, tem gerado alguns trabalhos, quer com relação à aquisição da linguagem, quer com relação à fala dos adultos, com resultados que fogem muito da intuição que os falantes têm de sua língua. Na minha opinião, acabam sendo apenas um jogo estatístico com dados acústicos sem evidências de sua relevância.

A Teoria da Otimalidade: O capítulo 6 contribui não apenas para um estudo de caráter histórico de alguns fatos fonológicos, mas também apresenta e discute fatos importantes da TO. As dificuldades com a maquinaria da TO aparecem em outros capítulos. Por exemplo, no capítulo 7, o estudo mostra os limites a que pode chegar a teoria da otimalidade, quando precisa de uma regra de exceção, um diacrítico para dividir uma categoria de dados de um mesmo fenômeno em duas partes. Isto mostra que a TO é uma teoria aberta demais e altamente manipuladora de seus mecanismos formais para resolver idiossincriticamente muitos problemas de variação das línguas. A opção por estudar o fenômeno da alomorfa verbal na TO tem o intuito de ver o fenômeno com outros olhos e procurar outros tipos de explicação. No capítulo 8, a hierarquização de algumas restrições mostra a dificuldade no tratamento de fenômenos de variação dentro de uma teoria (TO) que, em princípio, deveria ser a mais favorável. Apesar das dificuldades teóricas, a TO continua mostrando que ainda é um bom modelo para explicar fatos fonológicos. No capítulo 11 e, principalmente, no 12, a aplicação da TO para explicar as etapas da aquisição da fala é de difícil solução. Contudo, como acontece com outros capítulos do livro, os estudos apresentados trazem não apenas uma aplicação da TO na análise de dados do português brasileiro, mas contribuem também para uma análise crítica da própria TO.

Outras abordagens: O grande mérito do capítulo 4 está na elaboração de uma metodologia sofisticada para poder analisar fatos fonológicos (e fonéticos) de uma época da língua com relação à qual temos apenas documentos escritos (e partituras, eventualmente). Os resultados obtidos no português arcaico, quando comparados com o sistema fonológico atual da língua, mostram a adequação

metodológica em termos de linguística histórica e contribuem para um melhor conhecimento sobre a história da fonologia da Língua Portuguesa. No capítulo 5, apesar da dificuldade metodológica, a investigação a partir da escrita pode trazer evidências adicionais para a história da fonologia da língua, como conseguiu a autora.

Balço geral da obra.

O livro representa o trabalho atual em fonologia de um grupo de brasileiros. As várias partes da obra mostram como há uma diversidade de subáreas e de abordagens nas investigações fonológicas que estão sendo estudadas no país. Há trabalhos com dados da entoação, do ritmo, da tonicidade primária e secundária, com sândi, com clíticos, com metafoia, alofoia, epêntese, qualidade de voz, com abordagens da fonologia métrica, e da otimalidade. Embora os trabalhos se baseiem em análises de dados, há também uma discussão sobre a maquinaria e a eficácia da teoria da otimalidade (TO) no estudo de alguns tipos de dados. Há trabalhos de linguística histórica, incluindo o português arcaico, de aquisição e de línguas indígenas. Portanto a coletânea cobre uma grande variedade de dados e de abordagens. Os trabalhos descrevem a Língua Portuguesa do Brasil e algumas línguas indígenas brasileiras.

Encontra-se, na obra, uma nova metodologia para os estudos de fonologia histórica (capítulo 4) analisando o fenômeno de sândi no português arcaico e atual. Em outro trabalho (capítulo 9), a autora vai procurar, em fatos da escrita do século XIX, evidências para o processo de prosodização dos clíticos no português brasileiro. Saindo um pouco do tema do livro, mas num capítulo (13) muito importante, há uma discussão sobre política linguística indígena, desmistificando ideias equivocadas e colocando a situação atual dos estudos das línguas indígenas brasileiras num quadro realista de preocupação com a extinção e de esperanças futuras, com as novas tecnologias de arquivamento de dados.

Seguindo o que há de mais atual nos estudos de fonologia, a obra dá um destaque especial para a teoria da otimalidade. Em alguns casos, a simples aplicação da TO leva a análises satisfatórias dos fenômenos estudados; em outros, há uma discussão teórica e sugestões de melhoria do aparato teórico. Nesse sentido, o livro apresenta vários aspectos inovadores. Por outro lado, a teoria métrica é usada na sua abordagem tradicional ou como uma representação que definirá *inputs/outputs* em análises feitas no modelo da TO. Essas inovações no modelo da TO abrem caminho para que outros modelos, inclusive derivacionais ou prosódicos não métricos, possam fazer uma análise prévia dos dados e estabelecer representações para avaliação na TO. Essa questão, certamente, precisa de uma discussão apropriada, porque representa uma mudança importante na TO.

O livro *Contemporary Phonology in Brazil*, organizado por Leda Bisol e Cláudia Regina Brescancini, representa uma obra de grande valor não apenas para os estudos da fonologia do português brasileiro, dentro das abordagens mais atuais, mas também traz contribuições significativas para as teorias aplicadas nas pesquisas realizadas. Recentemente, foi publicado também um outro livro, intitulado *Teoria linguística: fonologia e outros temas*, organizado por Dermeval da Hora e Gisela Collischonn (2003) e um número especial da *Alfa: Revista de Linguística*, organizado por Gladis Massini-Cagliari e Luiz Carlos Cagliari, que traz uma coletânea de artigos sobre a fonologia do português brasileiro. Essas três obras, entre outros tantos trabalhos publicados em anais de congressos e em revistas especializadas, representam uma presença atuante dos fonólogos brasileiros no cenário atual da linguística.

REFERÊNCIAS

ALFA: Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, v.52, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/volumes.php>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

_____. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical*. Campinas: Edição do Autor, 1999.

_____. A escrita do português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: EARLE, T. F. (Org). *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Coimbra: AIL, 1998. v.1, p.57-69.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. Versão da tese de doutorado de 1949, com modificações. (Coleção Rex).

HEAD, B. F. *A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. Ann Arbor: University Microfilms, 1964.

HOLT, D. E. *The role of the listener in the historical phonology of Spanish and Portuguese: an optimality-theoretic account*. Thesis. (Doctor of Linguistics – Ph.D) – Georgetown University, Washington, 1997.

HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

KAGER, R. *Optimality theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348f. Tese (Livres-docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

_____. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

McCARTHY, J. *Hidden generalizations: phonological opacity in Optimality Theory*. London: Equinox, 2007.

OLIVEIRA, F. de. *Grammatica da linguagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536.

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique to reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

PULLUM, G. K.; LADUSAW, W. A. *Phonetic symbol guide*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

RAMUS, F.; NESPOR, M.; MEHLER, J. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, Amsterdam, v.73, n.3, p.265-292, 1999.

RAMUS, F.; DUPOUX, E.; MEHLER, J. The psychological reality of rhythm classes: perceptual studies. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 15., 2003, Barcelona. *Proceedings...* Barcelona: ICPHS, 2003. p.337-342.

UFFMANN, C. Optimal geometries. In: OOSTENDOORP, M. van.; WEIJER, J. van de. (Ed.). *The internal organization of phonological segments: proceedings of Old World Conference in Phonology 1*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p.27-62.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: INL, 1961.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em janeiro de 2010.